

Meditação de Mons. Pizzaballa
5.º Domingo do Tempo Comum, Ano C

(10 de Fevereiro de 2019)



No início do Evangelho de hoje (Lc. 5,1-11), vemos Jesus aproximar-se de duas barcas na margem do Lago Tiberíades. Uma das barcas, aquela para a qual Jesus sobe, pertence a Pedro. Um pouco mais adiante, no versículo 5, ficamos a saber que ele os seus companheiros estiveram na faina toda a noite, sem nada pescarem.

Jesus aproxima-se e entra na vida deste pequeno grupo de homens que acaba de passar por uma experiência frustrante de insucesso.

No fim deste episódio, vamos encontrar de novo este pequeno grupo de homens. Já não estão com as mãos vazias. Desta vez já não é o não terem pescado nada, mas pelo contrário, estão agora frente a uma abundante pesca (Lc. 5-6). Não os vemos de mãos vazias por a sua faina ter sido infrutífera, mas porque abandonaram tudo o que tinham acabado de pescar.

Encontramo-los assim numa situação que, em certos aspectos, é análoga à do início, mas por razões completamente diferentes.

Que aconteceu então a estes homens?

Penso que Pedro e os seus companheiros acabam de viver uma experiência fundamental: a de confiarem.

Não tinham apanhado nada e estavam a ir-se embora, cansados e com alguma amargura. No entanto, aceitam recomeçar e tentar de novo sem, no entanto, terem a certeza que algum elemento novo lhes garantisse que os seus esforços seriam recompensados. Eles escolheram simplesmente confiar palavra deste rabi, deste mestre (Lc. 5,5), que estava a ensinar no local em que eles se encontravam. Jesus aproximou-se deles e foi aí que Ele transformou uma barca vazia num rochedo para ensinar os homens.

Pedro e os seus companheiros fazem a experiência de que vale a pena confiar neste mestre que sabe o que diz. A segunda pesca foi tão abundante que uma só barca não foi suficiente para trazer para a margem todos os peixes.

A reacção de Pedro é muito importante. Ele reconhece que algo de extraordinário, de miraculoso acaba de acontecer. E assim, ele compreende que tem à sua frente uma pessoa especial, um profeta, um enviado de Deus. E afasta-se.

Ele faz o que qualquer homem faria diante de Deus. Sente-se indigno, reconhece-se como pecador, tem medo. Não pode imaginar que o senhor se possa aproximar dele. (Lc. 5,8).

Mas é justamente então que a transformação pode acontecer. Aí, onde o sente e reconhece o seu afastamento de Deus, a sua própria indignidade, então ele pode vir.

E reverte a lógica religiosa de separação e de afastamento segundo a qual os dois mundos, o sagrado e o profano, são distintos e afastados um do outro. Ele veio justamente para abolir esta distância. E é por isso que não só ele não se afasta de Pedro pecador, mas ao contrário, é por Pedro ser um pecador que ele se aproxima dele.

E Pedro tem confiança nesta palavra de Jesus, como ele acreditou na que o convidava a voltar à faina da pesca. Ele compreende totalmente que este gesto de confiança será para toda a sua vida, para uma vida plena.

Aquele que, na sua vida, fez esta experiência está pronto a tudo deixar e a tornar-se um evangelista. Ele tem algo a anunciar, algo que ele viveu na sua carne. Pode anunciar que Deus se fez próximo, que aboliu a distância, que veio para se encontrar com todo o homem pecador. Da mesma forma que Jesus subiu para a barca vazia de Pedro para anunciar a salvação a todos, Pedro e os seus companheiros partem deste lugar para partilhar com os homens este anúncio de salvação.

Podemos então dizer que Jesus se aproxima de Pedro e dos seus companheiros e que opera neles uma transformação. Eles passam de um estado de fracassados ao estado de homens livres, que todos os dias percebem que as forças humanas não são suficientes para se viver como pessoas que encontraram a verdadeira vida. E por isso, eles podem agora tudo deixar e permanecerem com o Senhor.

Todos, que passam de um estado de homens fracassados ao de homens livres, de um estado de pessoas que quotidianamente fazem a experiência de que as forças humanas não são suficientes para se ter a vida, a um estado de pessoas que encontraram a verdadeira vida. É por isso, eles podem agora tudo deixar e permanecerem com o Senhor.

Todos, homens fracassados e homens livres, têm as mãos vazias. Mas os segundos têm-nas porque abandonaram uma lógica de ganho para entrarem numa nova óptica, a da gratuidade e da dádiva.

E podemos dizer também que, mesmo não sabendo muito bem porquê, o melhor momento para conhecer o Senhor é o do fracasso, da provação e dos momentos duros. É quando as nossas resistências e a nossa soberba caem que o Senhor se pode aproximar e dizer-nos que a sua proximidade é uma dádiva gratuita e que chega a nós, aí, onde a misericórdia nos pode ser dada.

+Pierbattista